



## Em que tambem pedimos a palavra!

**A**CABA de dar-se em Lisboa um caso excessivamente curioso.

O commercio em peso, como que movido por uma molla occulta, para nos servirmos de uma expressão consagrada em todos os relatorios de successos surprehendedentes, lançou-se n'um movimento, como ha muito tempo não provocam em Portugal, nem as mais graves questões politicas, nem as mais graves questões economicas.

Promoveu reuniões, redigiu manifestos, juntou n'um comicio publico milhares de pessoas, perorou tribunicamente; transpirou, exaltou-se, assoou-se e, resvalando aos excessos dos dias mais revolucionarios, deu votos de louvor ao commendador Antonio Santos e agitou furiosamente uma campanha de cobre.

N'uma palavra, o commercio levantou-se.

Averiguada a causa d'este movimento authenticico, que já subiu até aos poderes publicos em ondas revoltas e ameaçou transbordar para a praça publica e pôr em perigo a inalteravel ordem, que é um dos mais bellos apanagios dos nossos costumes, verificou-se que tanta celeuma era devida ao facto de ter chegado a Lisboa, um allemão munido de alguns despertadores garantidos e meia duzia de candieiros de latão.

Em presença d'este inimigo terrivel, o commercio ergueu-se a alturas ainda não atingidas nos anteriores movimentos de caracter civico, em que collaborou com o seu patriotismo e as suas meias-portas, e uma voz, interpretando o sentir geral de tão numerosa quanto benefica classe, declarou no solemne comicio da rua Nova da Palma, não querer a «administração estrangeira em casa».

A este protesto, uniram-se os brados da Baixa e de uma parte da Alta commercial, e milhares de vozes, arripiadas pela commoção dos melindrosos momentos historicos, conclamaram: «Não! Não queremos a administração estrangeira em casa!»

Iniciado o movimento com um tão valente arranque, o allemão e bem assim os seus despertadores garantidos parecem estar para todo o sempre confundidos, e o commercio de Lisboa pode ufaná-lo de ter ganho uma bem decisiva victoria.



E' portanto o momento de ter uma opinião e emitil-a, não diremos já em acções, como conviria ao caracter eminentemente mercantil da insurreição de interesses a que nos vimos referindo, mas, em palavras, visto ella ter entrado no dominio puramente philosophico e litterario da historia.

Aqui temos nós uma classe numerosa e poderosa que declara não querer a administração estrangeira em sua casa e que, para o declarar, se levanta em massa, sem a instigação ou a peita de quaesquer elementos de sedição, e eis aqui justamente uma classe, por igual poderosa e numerosa, que frequentemente instigada pelos partidos de opposição ao throno e opposição aos governos, pela imprensa, pelo livro e pela brochura, pelo pamphleto e pelo manifesto, pela oratoria do parlamento e pela oratoria dos comicios, a declarar se deseja a administração estran-

geira em sua patria, ainda não se pronunciou nem com um copo d'agua, nem com um erro de prosodia, nem com um simples voto de louvor ao commendador Antonio Santos.

E eis o que profundamente surprehende no movimento de rebellião contra o bazar de tres vintens da rua da Prata: é a conducta viril do commercio diante da ameaça da administração estrangeira em casa, contrastando com a sua molle indiferença diante da imminencia da administração estrangeira no paiç, o que nos dá a entender que o commercio funda a noção politica de patria na noção exclusivamente juridica de propriedade, interessando-se pela patria que está para o lado de dentro do seu balcão e sob as vistas dos seus marçãos, mas desinteressando-se absolutamente da que está da banda de fóra.

Que haja uma administração estrangeira, por exemplo, no Chiado, eis o que não importa, comtanto que não a haja em casa de Jeronymos, Martins & Filhos. Tal o que é licito deduzir-se da logica do activo movimento despedido contra o *Bonus Universal*.

O commercio, levantando de tal maneira o diapasão da sua voz perante um allemão engenhoso que afinal não lhe pede senão uma pequena percentagem nos seus rendimentos, a troco de beneficios que podemos discutir, mas que não temos o direito de reputar uma calamidade publica, e reduzindo-se a um silencio consternador perante uma carrada de allemães que lhe vem pedir as colonias e os rendimentos das alfandegas, dá-nos uma idéa bem curiosa da sua confusa noção dos deveres do homem, na nacionalidade e na loja.

O que parece, no entanto, assente é que onde a administração estrangeira não pode decididamente entrar é nas mercearias. N'esses reductos sagrados do patriotismo e do arroz carolino, a autonomia portugueza está garantida, o que já é uma consolação para aquellos que declaravam tudo perdido.

Não! Não está tudo perdido. Da ruina da patria ainda se salvam os salchichões de Arrayolos.

JOÃO-RIMANSO.

## EMILIO ZOLA

**N**ÃO acompanharemos a imprensa periodica na crise de desespero, de que foi acometida ao ter conhecimento da morte de Emilio Zola.

O homem tem sempre infinita coragem para supportar o infortunio dos outros, e no caso do fim desastroso do grande homem de letras da França, quem deve verdadeiramente soffrer é sua mulher, arrastada com elle á beira da morte que o levou, deixando-a ella para attestar do minuto de angustia que poz na frente do apostolo tão combatido de tantas causas generosas, um palor de martyrio.

Quanto a nós, para quem elle realmente não morreu, não o devemos prantear. As lagrimas são um tributo domestico de dor. Um heroe, um artista não se chora, como um parente que nos morreu em casa e nos deixou um vacuo no nosso coração e na nossa sala de jantar. Elles não são individualmente coisa alguma. Não os conhecemos, nunca os vimos, não sabemos muitas vezes em que parte do mundo param. A sua obra, que lhes sobrevive, é que é tudo, e essa, pela qual o amamos, não desce á terra entre salvas de artilharia e discursos officiaes, metida n'um caixão de cedro, como o seu corpo putrefacto. Fica e não fica para ser pranteadá, mas para ser estudada e julgada.

Os jornaes de Lisboa choparam a morte de Emilio Zola como a morte de um tio.



Esta manifestação de pezar pelo desaparelhamento de um homem de letras, que, nem proxima, nem remotamente mostrou ter com elles qualquer genero de parentesco, affigura-se nos eivada de exaggeração e de tempero.



De bom grado quizeramos pois, associarnos ao desgosto causado no mundo das letras pela morte do romancista dos *Rougon-Macquart*, mas não sabemos em verdade se devemos dar o nosso pezame á França, se ao sr. Brito Aranha.

## AFFONSO DE ALBUQUERQUE



MA feliz nova circulou em Lisboa na sexta-feira passada: Affonso de Albuquerque regressava da India, e achava-se outra vez entre nós, vivo, são e es-correito.

A noticia correu pela cidade com a velocidade do relampago.

Quizémos ter a sua confirmação colhida por nós mesmo, e conseguimos-lo. Todos os nossos collegas da imprensa guardaram d'este acontecimento a maxima reserva, pondo a noticia «de molho», como se costuma dizer em linguagem jornalística, quando não ha bem a certeza.



Só o *Correio da Noite* alludiu muito vagamente ao caso, mas sem citar nomes, dizendo apenas: «Ha na historia de Portugal, como na historia de todas as nações, homens que não morrem! Podem crê-lo os leitores.»

Ao contrario do que toda a gente chegara a acreditar, Affonso de Albuquerque nem morreu á vista de Goa, nem morreu ainda. Tivémos nós o prazer de o ver, de lhe falar, de lhe apertar a mão, que amavelmente nos estendeu.

Evidentemente, quem não estivesse prevenido não poderia reconhecê-lo. Está muito mudado.

Como se sabe, Affonso de Albuquerque jurara aos de Roçagate que não cortaria mais as barbas emquanto não fossem vingadas as affrontas que d'elles recebera. Sabê-se tambem que, pouco tempo depois, fundando pela segunda vez em frente d'aquella cidade, saltou em terra, varejou a povoação, pô-la a saque, e deitou-lhe fogo.

Acrescenta mesmo a historia que, a quantos habitantes poude caçar, mandou cortar as orelhas e os narizes.

Nesse dia, o conquistador do Oriente mandou chamar o barbeiro de bordo para lhe cortar as barbas. E nunca mais tornou a usar barba toda.



Agora usa só bigode e pera, o que lhe transtorna muito a physionomia. Devido a esta circumstancia, é que saiu muito parecido o retrato que deu o *Diario Illustrado*, dizendo ser o melhor retrato que se conhecia de Affonso de Albuquerque—quando afinal esse retrato era o do Sr. Visconde de Sanches de Frias.



Affonso de Albuquerque, logo que teve conhecimento de que Lopo Soares de Albergaria fôra investido no governo da India, pensou:

— Não ha que vêr: São intrigas do João Franco! e jurou d'essa vez, que não mais tornaria a deixar crescer a barba, enquanto não voltasse a governar a India.

Por essa occasião escrevera uma carta a El-Rei D. Manuel, em que recommendava um filho ainda pequeno, pedindo-lhe que o fizesse grande. E a respeito das coisas da India, nem palavra. Ellas falaria por si, e por elle.



Mas as coisas da India nem sequer falaria por si. Foi preciso que o Sr. Christovão Pinto viesse falar por ellas. E a respeito de Affonso de Albuquerque ninguém mais soubera.

Que fim levava elle?

Por onde se sumira elle?

Nunca se soube. Ninguém o soube.



E todavia, como disse o *Correio da Noite*, Affonso de Albuquerque era um d'esses grandes homens que não morrem!

Do Oriente, Affonso de Albuquerque passou-se á Europa, e fixou a sua residencia em Paris, d'onde tem assistido tranquillamente ao desabar da sua querida patria. Alugou um modesto *appartement meublé* no Boulevard de Grenelle, e ahi deu fundo de tão sereno animo como quando fundeava em Ormuz, depois de dobrado o Cabo de Roçagate.

Fizera tenção de não mais voltar a Portugal. E só agora, constando lhe pelo Xavier de Carvalho que iam finalmente inaugurar-lhe a estatua, é que se decidira a vir até Lisboa.



As unicas pessoas que tiveram conhecimento da sua chegada foram o nosso amigo Petra Vianna, pela Sociedade de Geographia, e o Sr. Albuquerque, barbeiro e cabelleireiro, com estabelecimento na Rua Augusta, á esquina da Travessa de Santa Justa.

PARODIA

# Triumpho do systema parlamentar



Croquis do quadro destinado á decoração da Camara dos Deputados

(Aspecto do croquis da Parodia)

Logo que aqui chegou, Afonso de Albuquerque quiz saber se ainda havia algum Albuquerque que não se julgasse seu descendente. Petra Vianna revolveu os arquivos da Torre do Tombo, consultou o Sr. Anselmo Freire Braancamp, e acabou por averiguar que o sr. Albuquerque, barbeiro e cabeleireiro, era o unico que estava nas condições.

Ainda assim, não foi sem oppôr algumas objecções, que Petra Vianna se deu por convencido. E insistia sobretudo neste ponto:

— Mas não haverá porventura um caso de atavismo no facto de ser barbeiro este Albuquerque? O que faz um barbeiro? Corta as barbas. O que fez Afonso de Albuquerque? Cortou tambem as barbas!

O grande conquistador chegou a Lisboa na manhã do proprio dia da inauguração da estatua, e deixou-nos nessa mesma noite, logo que começou a cair a batega de agua, que não deixou queimar o fogo de artifício. Durante as poucas horas que esteve entre nós, visitou alguns monumentos, entre os quaes Luiz de Camões e José de Sousa Monteiro. A 1 hora da tarde dirigiu-se á Praça de D. Fernando, on le assistiu á solemnidade.

Durante a allucção do Sr. Conde de Avila, por mais de uma vez a commoção de Afonso de Albuquerque embarcou a voz ao illustre presidente do Municipio.

Depois, Afonso de Albuquerque assignou tambem o auto da inauguração, mas limitou-se a pôr: — «Um anonymo», como nas subscrições.

Na occasião em que os convidados dispersavam, Albuquerque, o Terrível, avistou o Sr. Augusto Fuschini, e precipitou-se sobre elle. A muito custo, Petra Vianna conseguiu arrancar-lho das mãos fortes e crispadas.



Afonso de Albuquerque, vendo o Sr. Fuschini apenas com um bocadinho de nariz, persuadiu-se de que tinha na sua presença um dos de Roçagate, que não chegara a ser completamente desnarigado, e queria fazer inteira justiça pelas proprias mãos, arrancando-lhe o resto!

Antes de partir, Afonso de Albuquerque encarregou o nosso amigo Petra Vianna de comunicar verbalmente ao Sr. Ministro da Marinha um facto da mais grave importancia. Segundo as declarações do Grande Capitão, entre os mantimentos fornecidos ás náus de Albuquerque encontrou-se, dentro de alguns sacos de bolacha, grande quantidade de bosta de boi e outros adubos cujo uso foi muito anterior aos adubos chímicos.

Consta-nos que está involvida neste caso a Commissão de Compras.

Vae proceder-se a um inquerito, tendo já sido nomeado para esse fim o Sr. Eduardo Costa, fabricante de bolachas á Pampulha.

**O OUTRO EU.**

## Perfil... esculptural



O ressuscitador do grande Afonso.

Portrait charge por **CELSO HERMINIO**

### O grande Afonso



apida digressão através do discurso inaugural do monumento a Afonso d'Albuquerque, recitado pelo sr. conde d'Avila em o dia 3 de outubro e na praça de D. Fernando, d'esta cidade:

O sr. conde affiançou que, «durante quatro seculos», o povo portuguez aprendera na leitura dos classicos, a advinhar as façanhas de Afonso d'Albuquerque.

E' conveniente considerar que os classicos só começaram verdadeiramente a sel-o, depois de um certo tempo de garrafeira.

Não se pode, portanto, asseverar com exactidão que o povo portuguez tenha estado a ler classicos durante quatro seculos.

O classicismo — o sr. conde deve tel-o notado — nunca vem antes de umas trintas co-lheitas.



O sr. conde rejubila porque o povo portuguez tenha tido a iniciativa de «esculpir e modelar, no marmore e no bronze, o pedestal e a estatua de Afonso de Albuquerque», mas, logo a seguir, declara que essa iniciativa exclusivamente pertence ao historiadador Soriano.

Não se fica comprehendendo muito bem porque motivo o sr. conde rejubila, em nome do povo, por um facto em que elle não metreu prego nem estopa, porque a propria sarapilheira em que, por algum tempo, jazeu o heroe de Ormuz foi levada á conta do legado Soriano.

O que é verdade é que para o monumento a Affonso d'Albuquerque, o povo apenas contribuiu com alguns bilhetes de americano.



Quando o sr. conde disse: «Não traduz a estatua, por mais que ella exceda a estatua da nossa gente...», o sr. Costa Pinto, que se achava presente, teve um movimento de impaciencia.

Depois da declaração do sr. conde, correu logo que o sr. Mello Barreto ia traduzir a estatua.



«Ainda com o peito a sangrar pelos golpes da mourama irritada, e os olhos a transbordar jubilo pela gloria da Patria, aquelle heroe parecia já moidado no bronze que vae perpetual-o.»

Na allocução do sr. conde tudo se precipita; os classicos nascem classicos e os heroes de bronze. Se o sr. conde não accorre com tanta sollicitude, arriscava-se a encontrar o proprio Affonso d'Albuquerque a ler-lhe o discurso, um pouco surprehendido de se ouvir dizer a si mesmo que cingia «a espada em pelota.»

Affonso d'Albuquerque — é publico e notorio — quando estava em pelot: tinha sempre a espada na bainha.

O grande momento do discurso do sr. conde foi, porém, quando elle aconselhou que accommodassemos Affonso d'Albuquerque «ao nosso meio e ao nosso tempo.»

Todos os olhares se voltaram para cima, e lá em cima Affonso de Albuquerque, com o seu dedo espetado para baixo, pareceu infinitamente inutil no nosso meio e no nosso tempo.



Concluindo, o sr. conde teve certamente em vista augmentar a confusão que já se estabeleceu em torno da successão do Grande Affonso, porquanto declarou ter elle «sem duvida descendentes e herdeiros em quantos marinheiros e soldados portuguezes tem andado accrescentando as nossas antigas glorias na defeza do nosso opulento dominio colonial.»

Depois d'esta declaração queremos ver o que responde o sr. conde de Mesquitella, o sr. marquez do Pombal e bem assim o sr. Fernando Angeja.

Final, descendentes de Affonso d'Albuquerque somos nós todos.

Elle é o grande Affonso, e, ao mesmo tempo, o seu visinho e o pae de todos.

## DOM

Um irmão do sr. Alberto Bramão requereu lhe fosse dado o tratamento de *Dom*, que lhe pertence por velhos direitos de linhagem. — Perguntam-nos se o *Dom* d'este cavalheiro se entende tambem a seu irmão, o qual, como se sabe, é deputado.

Creemos que não, tanto mais que, por outras vias, o sr. Alberto Bramão está tratando de obter outro *dom* — o dom de palavra.



Ouivesaria e Relojoaria

com officina anexa  
de fabrico e  
concertos

FLORINDO

Jóias  
com brilhantes  
Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.<sup>as</sup>

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sociedade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 R. 47

Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis

20 réis cada um

## O TERRIVLE



Affonso: — E' esta a móeda com que El-Rei de Portugal paga os seus tributos!

Côro:

Ai! Ai!  
Tomem lá... batatas,  
Tomem lá pepinos,  
Tomem lá sementes  
De legumes finos!

# ÀS PORTAS DA IMMORTALIDADE

(A proposito do telegramma imperial á viuva Zola)

-E' immortal! Mando eu!



**Zola** — Trago aqui uma cartinha do Imperador...

**S. Pedro** — Ah! Então pôde entrar... Manda quem pôde...